

Metafísica e música em Arthur Schopenhauer¹

Metaphysics and music in Arthur Schopenhauer

FRANCIELE KRINDGES VIEIRA²

Resumo: Neste trabalho, iremos nos ater à relação entre a metafísica e a música em Arthur Schopenhauer. Schopenhauer descreve a música como uma forma de expressão direta da vontade, que não pode ser representada diretamente por meio de modelos. Enquanto a arte em geral representa as Ideias platônicas, a música transcende esse processo e é considerada uma linguagem universal. Ela expressa a essência do mundo e representa a própria vontade de maneira precisa. A música é capaz de despertar emoções e estimular a imaginação, permitindo que a fantasia dê forma a um mundo invisível e animado. Neste contexto, discutiremos a visão de Schopenhauer sobre a natureza da música e seu significado dentro de sua filosofia.

Palavras-chave: Metafísica. Música. Schopenhauer. Vontade. Linguagem.

Abstract: In this work, we will focus on the relationship between metaphysics and music in Arthur Schopenhauer. Schopenhauer describes music as a direct expression of the will, which cannot be directly represented through models. While art in general represents Platonic Ideas, music transcends this process and is considered a universal language. It expresses the essence of the world and represents the will itself in a precise manner. Music has the ability to evoke emotions and stimulate the imagination, allowing fantasy to give shape to an invisible and animated world. In this context, we will discuss Schopenhauer's views on the nature of music and its significance within his philosophy.

Keywords: Metaphysics. Music. Schopenhauer. Will. Language.

Na descrição de Schopenhauer da natureza da música ³é estabelecida e pressuposta, uma ligação estreita da música com a vontade, ou seja, a música como cópia de um modelo que nunca pode, ele mesmo, ser representado diretamente. Contudo, nas palavras de Schopenhauer: “*Devo reconhecer, todavia que a verdade*

¹ Texto apresentado no Mini-curso PET, durante o X Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da Unioeste - 2005.

² Ex-aluna bolsista do Programa PET de Filosofia da UNIOESTE - Campus Toledo e Mestre em Filosofia pela UFPR. E-mail: franciele41@ig.com.br

³ No parágrafo 52 do terceiro livro da obra “*O mundo como vontade e representação*” Schopenhauer apresenta o seu estudo sobre a música, “*Ela mostra-nos qualquer coisa mais: conta-nos a sua história mais secreta, pinta cada movimento, cada impulso, cada ação da vontade, tudo o que é envolvido pela razão sob esse conceito negativo tão vasto que se designa o sentimento, tudo o que recusa ser integrado nas abstrações da razão.*” (Schopenhauer: s/d: III: §52: p.342-343).

desta explicação é por natureza, impossível de provar”⁴. Esta explicação é impossível de provar porque a vontade nunca caberia em uma abstração racional.

Schopenhauer abre o terceiro livro de “*O Mundo como Vontade e Representação*”, consagrado especialmente ao estudo das artes, dizendo que o objeto da arte, a Idéia platônica é representação independente do princípio de razão. A estética de Schopenhauer pode ser vista como o desenvolvimento dessa tese. Contudo, a música é a única arte que não cabe neste processo, pois ela não é a reprodução de uma Idéia platônica, ela é a linguagem direta da vontade,

*“... a música [...] está colocada completamente fora das outras artes, já não podemos encontrar nela a cópia, a reprodução da Idéia do ser tal como ele se manifesta no mundo; e, por outro lado, é uma arte tão elevada e tão admirável, tão própria para comover os nossos sentimentos mais íntimos, tão profunda e inteiramente compreendida, semelhante a uma língua universal ...”*⁵

A música é chamada por Schopenhauer de “*linguagem universal*”, não inferior em clareza à própria intuição⁶, porque nela não há cópia, reprodução da Ideia, mas uma significação mais geral e mais profunda, em relação com a essência do mundo. É como se ela representasse a própria vontade de uma maneira exata e precisa, em todo o seu conjunto. O que é mais pertinente a respeito da música é que ela, segundo o autor, é capaz de mostrar algo mais: o fenômeno presente tem o seu sentido íntimo mais elevado com a presença de uma música adequada.

Assim como a passagem imediata dum desejo à sua realização e novamente a um novo desejo é capaz de tornar o homem feliz, também uma melodia de movimentos rápidos, sem grandes desvios, exprime a alegria. Entretanto, a música não exprime sentimentos particulares, ela exprime o próprio sentimento sem nenhum motivo ou acessório. Por isso, a fantasia é facilmente despertada pela música.

“A nossa fantasia procura dar uma figura a esse mundo de espíritos, invisível e, contudo, tão animado, tão inquieto, que

⁴ SCHOPENHAUER: s/d: III: §52: p.339.

⁵ SCHOPENHAUER: s/d: III: §52: p.338.

⁶ Cf. SCHOPENHAUER: s/d: III: §52: p.338.

nos fala diretamente; ela esforça-se por lhe dar carne e osso, isto é, por o encarnar num paradigma análogo, tirado do mundo real.”⁷

A melodia corresponde a um afastar-se, um desviar-se contínuo do tom fundamental, contudo sempre ocorre um retorno a ele. A melodia expressa por seus desvios o esforço multifacetado da Vontade e, também a satisfação mediante o reencontro ao tom fundamental.

“Por conseguinte, no compositor, mais do que em qualquer outro criador, o homem é diferente do artista, separando-se deste por completo. Até na explicação desta arte maravilhosa o conceito mostra seus limites”⁸.

A universalidade encontrada na música não pode ser comparada à universalidade dos conceitos, pois a música é de uma natureza completamente diferente, há nela uma clareza e uma precisão absoluta. Devido a este caráter de universalidade a expressão da música é dada em referência à coisa-em-si. Ela não é ligada ao fenômeno por não expressar situações particulares. Contudo, quanto mais análoga for a melodia ao sentido íntimo do fenômeno presente, mais elevado será o sentido deste fenômeno. A possibilidade de relação entre uma composição musical e uma representação intuitiva se dá porque ambas são expressões do “*ser idêntico do mundo*”, a Vontade. Semelhante à intuição, a impressão estética dos sons é produzida apenas pelo efeito; logo, não há necessidade de remeter à causa para que se possa por exemplo, escutar um som⁹.

Leibniz tinha razão quando afirmava a música como “*exercício oculto de aritmética no qual a alma não sabe que conta*”, contudo, segundo Schopenhauer, ele não foi profundo o suficiente, pois além deste aspecto deve ser considerado o efeito estético da música, isto é, a sua grandeza e poder. Diante disso temos que admitir que a música expressa algo inteiramente diferente de meras relações numéricas. As

⁷ SCHOPENHAUER: s/d: III: §52: p.345

⁸ SCHOPENHAUER: 2003: p.233.

⁹ Cf. SCHOPENHAUER: s/d: III: §52: p.352.

relações numéricas que a música se deixa resolver, “... *não se comportam como o assinalado, mas antes como o sinal.*”¹⁰

Quanto ao ponto de comparação da música com o mundo, isto é, a maneira pela qual a música está para o mundo, ou vice-versa, encontra-se profundamente oculto. A indagação sobre este oculto nunca teve uma resposta. Ficou-se satisfeito em compreendê-la imediatamente, renunciando-se a uma concepção abstrata dessa compreensão imediata. Em virtude das possíveis analogias da música com as demais artes, Schopenhauer encontra uma explicação sobre a relação de cópia que a música possui com o mundo existente. Explicação esta que se junta perfeitamente com a sua metafísica. Tal explicação consiste na analogia feita no parágrafo 52 de “*O mundo...*”, entre a constituição do mundo e a constituição da música; entre, por exemplo, a matéria e o baixo contínuo, ambos são a base do movimento.

Nesta explicação Schopenhauer apresenta a música como cópia de um modelo que nunca pode ele mesmo ser trazido diretamente à representação, o qual seja, a Vontade. Fica assim estabelecida uma ligação da música – que se encontra no domínio da representação – com a Vontade, a qual é o oposto da representação.

Para Arthur Schopenhauer, não basta saber que temos representações, que essas representações dependem de leis, cuja expressão geral é sempre o princípio de razão suficiente. É preciso saber a significação dessas representações, isto é, em que sentido o mundo as ultrapassa, em que sentido o mundo é algo além das representações. De acordo com o filósofo, para conhecer o seu sentido íntimo, para atingirmos a visão do outro lado do mundo como representação, devemos usar a via metafísica.

A metafísica de Schopenhauer possui o que ele chama na obra “*A vontade na Natureza*”, um “dogma”, que constitui o seu pensamento capital e condiciona todas as demais partes de sua filosofia, a saber, a ética, a estética e a epistemologia. Assim, a noção de Vontade, que constitui a sua metafísica e caracteriza esse dogma, pode receber confirmações nascidas de ciências estranhas e até independentes da filosofia, como queria Schopenhauer. Por exemplo, a física, ou seja, as ciências naturais em geral, seguindo em seus ramos todo o caminho que lhe é próprio têm

¹⁰ SCHOPENHAUER: 2003: p.228.

que chegar por fim a um ponto em que terminam suas explicações, e isto é precisamente o metafísico, o que se apresenta não mais como o limite do físico, sem poder passar por ele. Esse é o desenvolvimento da física, que entrega seu objeto à metafísica. O inacessível e desconhecido a que chegam as conclusões das investigações da física, designadas com expressões tais como: “força natural” ou “força vital”, ou ainda, “impulso criador”, torna-se assim assunto da metafísica.

É o caso, por exemplo, do médico J. A. Brandis, de Berlin, que em 1833 e 1834¹¹ escreve dois artigos onde expressa surpreendentemente como fonte de todas as funções vitais uma “Vontade inconsciente”, de onde derivam todos os processos do organismo, assim como a enfermidade ou a saúde. Esta “Vontade inconsciente” é caracterizada por Brandis como um “*primum móbile*”, isto é, um “primeiro movimento”, corroborando assim, a noção de Vontade apresentada pela metafísica de Schopenhauer.

O obstáculo com que se depara a sua metafísica é a chamada “idéia racional da alma”. Uma essência metafísica onde a absoluta simplicidade se une e se funde eterna e inseparavelmente o conhecer e o querer. A mudança fundamental que traz à sua metafísica, e por isso a coloca em contraposição aos demais sistemas metafísicos, é a total separação entre a Vontade e a inteligência. A separação dessas instâncias em dois elementos heterogêneos constitui na doutrina de Schopenhauer o eterno e indestrutível no homem, o que forma nele o princípio da vida, que não é a alma, mas sim a vontade.

A Vontade é a agente oculta não só dos pensamentos e ações humanos, mas também de todos os processos da natureza, sendo o indeterminado e universal de todas as relações submetidas ao princípio de razão suficiente. A causalidade, em seu íntimo, é pura Vontade. Segundo Schopenhauer, esse duplo e simultâneo conhecimento da Vontade e da Representação como as duas faces do mundo, é essencial para a inspeção do íntimo da natureza, em outras palavras, é a chave que

¹¹ “Experiências acerca da aplicação do frio nas enfermidades”, de 1833, e “Nosologia e terapêutica da caquexia”, de 1834. No primeiro dos citados escritos, página 8, disse assim: “A ciência de todo organismo consiste em querer manter no possível, seu próprio ser frente ao macrocosmo.” E na página 10: “Em um órgão não pode influir ao mesmo tempo mais que um só ser, uma só vontade; se é uma vontade enferma, existente no órgão cutâneo, e que não harmonize com a unidade, pode o frio oprimi-la o tempo necessário para que provoque a produção de calor, uma vontade normal.”

abre a “única e estreita porta da verdade”, pois, “o mundo é vontade e representação e nada mais”¹².

A vontade se objetiva tanto nas Idéias como na música, mas de maneira completamente diferente, logo não é possível pressupor entre ambas uma semelhança, mas é possível traçar um paralelismo, isto é, uma analogia entre a música e as Idéias, cujos fenômenos na pluralidade são o mundo visível.

Schopenhauer afirma que é possível denominar o mundo tanto música corporificada quanto Vontade corporificada. Daí se compreende o fato de a música realçar cada cena da vida efetiva do mundo. Neste sentido é indiscutível que tanto mais análoga é sua melodia ao espírito íntimo do fenômeno, mais elevado é a significação do fenômeno. Se em um determinado momento uma música combina com a situação da vida humana ou da natureza destituída de conhecimento, ou ainda, com alguma ação, acontecimento, ambiente, ou alguma imagem, então esta cena presente terá seu sentido secreto revelado; a música será seu comentário mais correto e claro. Contudo, apesar da música possibilitar o esclarecimento de uma determinada situação, ela dá também origem a um novo enigma, a saber, a relação de sua linguagem com a razão.

Poderíamos dizer que a música em seu todo é a melodia da qual o “mundo é o texto”. Por isso é possível, por exemplo, sobrepor a música a uma poesia como canto. As imagens isoladas da vida, submetidas à linguagem universal da música, nunca correspondem ou são ligadas a ela com necessidade infalível, mas estão para ela apenas como um exemplo escolhido para um conceito geral.

Mas a característica peculiar da música é que, por um lado, nos desperta íntima confiança, e por outro é destituída de compreensibilidade. Parece ao mesmo tempo aproximar-se bastante do sujeito e permanecer eternamente distante. Assim a música tanto nos é imediatamente e inteiramente compreensível de maneira perfeita como nos é de novo exteriormente bastante diferente de nosso ser e do mundo circundante.

Em “*O Mundo como Vontade e Representação*”, o mundo poderia ser considerado, tanto uma encarnação da música, quanto uma encarnação da Vontade.

¹² SCHOPENHAUER; s/d; p. 125 – 126.

Tudo que se caracteriza como sentimento pode ser descrito pela música. Ela é capaz de dizer cada movimento, cada ação e impulso da Vontade, ou seja, ela é capaz de dizer tudo o que se recusa a ser integrado nas abstrações da razão. O que há ainda de mais impressionante na música é que ela expressa o sentimento sem nenhum acessório, sem nenhum motivo: “*Ela não exprime tal ou tal alegria, tal ou tal aflição, tal ou tal dor, [...] Ela pinta a própria alegria, a própria aflição, e todos esses outros sentimentos, por assim dizer, abstratamente*”¹³

No primeiro volume dos “*Parerga e Paralipomena*”, editado em Berlim em 1851, Schopenhauer afirma que a Metafísica da música “pode ser considerada uma exposição da filosofia pitagórica dos números”. Neste sentido a música consiste em relações de números, tanto no que se refere ao seu elemento rítmico, como a seu elemento harmônico. Porém a música como tal só está presente nos nossos nervos auditivos e no cérebro, fora ou em si ela consiste em puras relações de números que repousam nas relações aritméticas das vibrações. Mas afinal o que são os números? São relações de sucessão cuja possibilidade repousa no tempo.

Através destas reflexões procuramos demonstrar que a música, capaz duma linguagem universal, exprime duma maneira única, através de sons, o que chamamos pelo conceito de Vontade, pois, “... *a vontade é a sua mais visível manifestação*” (SCHOPENHAUER: s/d: III: §52: p.349). Assim, afirmamos a música como coração do mundo, por ser ela, a manifestação direta e imediata da Vontade. A música representa para o mundo o que há de mais intenso nele. Ela é o seu impulso de vida; é o seu coração.

Referências

BARBOZA, Jair. *A metafísica do belo de Arthur Schopenhauer*. São Paulo: Humanitas. FFLCH/USP, 2001.

BRANDIS, J.A. *Experiencias acerca de la aplicación del frío en las Enfermedades*. Tradução Antonio Madante. Buenos Aires: El Ateneo, s/d.

CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Edusp, 1990.

_____. *Schopenhauer e a Crítica da Razão*. A razão e as representações abstratas in Revista Discurso do Departamento de Filosofia de FFLCH da USP; 2. sem n.º 15; pp. 91-106, 1983.

¹³ SCHOPENHAUER: s/d: III: §52: p.345.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. Tradução de M. F. Sá Correia; Porto/Portugal, Rés- Editora Ltda.

_____. *La cuádruple raíz del principio de razón suficiente*. Tradução Eduardo Ovejero y Maury. Buenos Aires: El Ateneo, 1950.

_____. *A vontade de amar*. Trad. Aurélio de Oliveira. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

_____. *Metafísica do Belo*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.